

# Livro do desassossego por Bernardo Soares: a escrita do desastre\*

Marcelo Barbosa Fontes\*\*

## RESUMO

Este artigo visa a analisar os cortes e os desvios que compõem o *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, em uma série de bifurcações que, anunciando fissuras, desorientam e desestabilizam o autor e a obra. O neutro como o desaparecimento da escrita, em que coisas e palavras se trocam/tocam, criam um universo através do qual o desastre se inscreve como condição e realização da escrita pessoana.

Palavras-chave: Escrita do desastre; *Livro do desassossego*; Neutro; Fernando Pessoa; Maurice Blanchot.

A vida é o que fazemos dela.  
As viagens são os viajantes.  
O que vemos, não é o que vemos,  
senão o que somos.  
(Fernando Pessoa)

Leyla-Perrone Moisés, em introdução ao *Livro do desassossego*, nos traz questões que percorrem a obra: quem é Bernardo Soares e qual a linha narrativa que pode ser construída quando se trata de uma obra construída em fragmentos? Tais apontamentos de extrema importância abordam o movimento de uma literatura que cria e

\* Trabalho final apresentado à disciplina Literatura Portuguesa, ministrada pela professora Dra. Lélia Maria Parreira Duarte durante o 1º semestre de 2006, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

\*\* Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa (PUC Minas).

vive de suas próprias fissuras ou, como desejamos considerar neste trabalho, uma escrita do desastre.

Bernardo Soares seria outro dos “nomes-obras” de Fernando Pessoa. O autor se inventa à medida que se escreve ou, como diz Pessoa: Bernardo Soares nada tem de heterônimo, povoa uma personalidade literária. Personalidade que anula qualquer tipo de identidade por se tornar parte dos fragmentos “de uma prosa em que o imperfeito e o inacabado correspondem ao próprio projeto” (PERRONE-MOISÉS, 1986, p. 31). Anular as identidades seria uma tentativa de ver o neutro como um incessante reflexo que desvia todas as imagens. O neutro não se oculta ou se desvela, mas faz da palavra e de seu fragmento seu próprio desvio: a excursão no desastre, na escrita neutra de uma espera que nada espera e faz da experiência limite o seu desvio: “a espera, o espaço do desvio sem digressão, da errância sem erro (...) e na palavra que responde à espera (...) a questão mais profunda – ou a questão do neutro” (BLANCHOT, 2001, p. 49-71).

O neutro não é o uno e nem o outro, mas desprendimento como potência do entre, que, ao se livrar do centro, gira em torno de fragmentos e vasos não-comunicantes, carregando, destruindo e construindo outros modos de existência:

Criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não. Para criar, destruí-me; tanto me exteriorizei dentro de mim, que dentro de mim não existo se não exteriormente. Sou cena viva onde passam vários atores representando várias peças. (PESSOA, 1986, p. 160)

Lourenço (1986) pontua uma potência na escrita de Bernardo Soares como desenho de uma máscara paradoxal da obra, aventura nos limites do dizível e do pensável. Márcia Rosa diz que não há como não levar em conta a discussão das subjetividades apresentadas por Barthes quando esse traz a questão de que “não se trata mais de reencontrar, na leitura do mundo e do sujeito, simples oposição, mas transbordamentos, superposições, escapes, deslizamentos, deslocamentos,

derrapagens” (2005, p. 287). Desse modo, a possibilidade da existência se daria não apenas na inexistência do sujeito, mas na viagem, com o abandono das paisagens, em um deserto que não faz outra coisa que desterritorializar o viajante.

Para Blanchot (1984), o deserto é o lugar da dispersão, do viajante, e a literatura é a tentativa de acolher o neutro, como o desaparecimento da escrita, que se exprime de dentro da própria escrita:

Temos que nos exprimir de outro modo e dizer: a experiência da literatura é precisamente a prova da dispersão, é a aproximação do que escapa à unidade, experiência do que é sem harmonia, sem consenso e sem direito – o erro e o exterior, o inapreensível e o irregular. (p. 216)

Experimentar uma literatura seria esvaziar o autor, para que “o Fora se liberte totalmente de todo interior (...) e arraste consigo a dissolução de todo o elemento territorializante, nomeadamente o Eu profundo”. É nesse exterior que o autor se defronta com a experiência da ruína, do deserto, de uma potência desconhecida que, de sua forma inacabada, fazem do projeto, que chamamos *Livro do desassossego*, uma espécie de diário que põe a obra e o autor em questão: “Sou, em grande parte, a mesma prosa que escrevo. Desenrolo-me em períodos e parágrafos, faço-me pontuações (...)” (GIL, 2000, p. 113 e 170).

O *Livro do desassossego* não é um projeto de fundamentação feito para/por um sujeito, mas antes e ao mesmo tempo um aparecimento da escrita – o impessoal da escrita –, rosto desfigurado como continuação da escrita. Escrever, vai dizer Schollhammer (2004), é experimentar a impossibilidade do conhecido como conhecimento, fazer da obra uma liberdade imediata: “seu alvo é a impossibilidade, algo irreduzível, não-produtivo, inominável, que Blanchot denomina ‘o fora’, a exterioridade radical, a outra noite, o neutro e o desastre” (p. 123).

O espaço literário, vai nos dizer Collin (1986), é precisamente a experiência que constitui o lugar que surge entre, como aproximação e dispersão de um fragmento a outro. A distância seria esse arco maldito capaz de se estender entre o legível e o visível, relação que envol-

ve força, território e sua montagem flutuante, “uma espécie de não-livro ou livro impossível (...) o nosso viajante sem bagagem nem caminho” (LOURENÇO, 1986, p. 83). Viagem destinada ao desastre, escrita que devém rota de fuga e se faz como exercício de povoamento de outros territórios: “ela ordena caminhos, ela mesma é uma viagem” (DELEUZE, 1997, p. 78). Viagem que se faz como corpo de escrita:

Tornei-me uma figura de livro, uma vida lida. O que sinto é (sem que eu queira) sentido para se escrever que se sentiu. O que penso está logo em palavras, misturado com imagens que o desfazem, aberto em ritmos que são outra coisa qualquer. De tanto recompor-me destruí-me. De tanto pensar-me, sou já meus pensamentos mas não eu. Sondei-me e deixei cair a sonda; vivo a pensar se sou fundo ou não, sem outra sonda agora senão o olhar que me mostra, claro a negro no espelho do poço alto, meu próprio rosto que me contempla contemplá-lo. (PESSOA, 1986, p. 180)

Para Collin a experiência da escrita não se situa em uma linha evolutiva ou de um sistema de causalidades que assumiria e resolveria o problema do neutro como papel do desconhecido, mas ela cria corpos impróprios a fim de desorientar um organismo que está agora e sempre desordenado. Por mais perfeito e imenso que seja o livro de Pessoa, ele será sempre seu impessoal, tocado por um fora, por uma linha de demolição, aonde se faz marchar ali – puro desastre – todos os livros, incluídos todos os livros que podem se chamar o livro.

A escrita, nesse novo espaço do desastre, passou a falar de uma exterioridade absoluta, espaço irreduzível, que Blanchot chamou de **A parte do fogo**:

O espaço literário é a parte do fogo. Em outros termos, o que uma civilização entrega ao fogo, o que ela reduz à destruição, ao vazio e às cinzas, aquilo com que ela não poderia mais sobreviver (...) E, depois, este lugar bastante imponente da biblioteca, no qual as obras literárias chegam umas depois das outras para serem enceleiradas, este lugar que parece um museu conservado com perfeição os tesouros os mais preciosos da linguagem, este lugar é, de fato, uma fornalha de incêndio eterno. Ou, então, é de algum modo o lugar no qual essas obras não podem nascer senão no fogo, no incêndio, na destruição e nas cinzas. As obras literárias nascem como alguma coisa que já está consumida. (FOUCAULT, 2006, p. 253)

Em Blanchot (1980), o desastre é o relato do esquecimento – esquecimento sem memória –, o retrato imóvel que não pode ser traçado, lembrança do esquecimento como retorno do fora, neutro enquanto neutro. Movimento que cria fissuras na identidade e na memória. Bernardo Soares produz disfarces à medida que escreve e transforma a escrita em esquecimento:

De tal modo me converti na ficção de mim mesmo que qualquer sentimento natural, que eu tenha, desde logo, desde que nasce, se me transtorna num sentimento de imaginação – a memória em sonho, o sonho em esquecer-me dele, o conhecer-me em não pensar em mim. De tal modo me desvesti do meu próprio ser, que existir é vestir-me. Só disfarçado é que eu sou. E, em torno de mim, todos os poentes incógnitos douram, morrendo, as paisagens que nunca verei. (PESSOA, 1986, p. 163)

Como vemos com Bernardo Soares, disfarçar é traçar com a escrita uma inovação extraordinária para o espaço literário. Blanchot observa que esse espaço modifica o livro, autor e leitor, outrem, como espaço: “na presença de outra coisa eu me torno outro, mas por essa razão mais decisiva ainda: essa outra coisa – o livro –, da qual eu tinha apenas uma idéia e que nada me permitia conhecer previamente, é justamente eu mesmo transformado em outro” (BLANCHOT, 1997, p. 303). Essa linha do esquecimento é uma espécie de acontecimento de um conjunto de intensidades que faz com que a palavra se reconheça, como um efeito, território e corpo da escrita.

Gostaríamos de concluir com a nota de Perrone-Moisés sobre os critérios usados em sua edição (1986). A montagem do livro é uma seleção de fragmentos do Livro do desassossego, selecionados a partir da edição portuguesa em dois volumes. Mas Perrone-Moisés pergunta qual o sentido de se falar de uma edição completa de uma obra que não se faz como um *corpus* definitivo. O livro, aparentemente estruturado, não chega a desfazer o caráter aberto da obra e em nada obriga o leitor a seguir uma ordem dos fragmentos do modo como são apresentados.

Assim, escrever, selecionar e cortar não é apenas separar, destacar, apartar ou abrir; mas inscrever, liberar, bifurcar e conectar, criando seus próprios recursos, os mais originais possíveis. Os fragmentos permitem que os fluxos da escrita deslizem como um novo plano ou uma nova peça, que, afastada de qualquer modelo de origem ou centro, promovem uma linha transversal conectada a diversas peças heterogêneas, desenvolvendo, então, um movimento aberrante explorado por distúrbios orgânicos, do qual é excluído o sujeito como lugar de poder e ordem, anunciando novos centros e outras tantas possíveis montagens. Escrever sob o signo do desastre é territorializar a escrita, seja pelo esquecimento, seja pelo silêncio.

#### ABSTRACT

This article analyzes cuts and deviations that compose Fernando Pessoa's *Livro do desassossego*, in a series of bifurcations that, announcing clefts, misguide and destabilize the author and the text. The neutral territory - the fading away of writing -, where things and words exchange places and touch each other, creates a universe where disaster is inscribed as a condition for and the fulfillment of Pessoa's writing.

Keywords: The writing of disaster; *Livro do desassossego*; The neutral; Fernando Pessoa; Maurice Blanchot.

#### Referências

- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. Tradução Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du désastre*. Paris: Gallimard, 1980.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

- BLANCHOT, Maurice. O Livro por vir. Tradução Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio D'Água, 1984.
- COLLIN, Françoise. Maurice Blanchot et la question de l'écriture. Paris: Galimard, 1986.
- DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos; I)
- GIL, José. O Fora absoluto. In: Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000. p. 97-114.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Introdução ao desassossego. In: PESSOA, Fernando. Livro do desassossego, por Bernardo Soares. Sel., Intr. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 9-37.
- LOURENÇO, Eduardo. Fernando, rei da nossa Baviera. In: Fernando, rei da nossa Baviera. Lisboa: INCM, 1986, p. 7-20.
- LOURENÇO, Eduardo. O livro do desassossego, texto suicida? In: Fernando, rei da nossa Baviera. Lisboa: INCM, 1986, p. 81-95.
- PESSOA, Fernando. Livro do desassossego, por Bernardo Soares. Sel., Intr. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ROSA, Márcia. O poeta e a dor de existir. In: PERES, A. M. C.; PEIXOTO, S. A.; OLIVEIRA, S. M. P. O estilo na contemporaneidade. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 285-292.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Maurice Blanchot: A literatura E/É o Direito à Morte? In: NASCIMENTO, Edvando *et al.* (Org.). Literatura e filosofia: diálogos. Juiz de Fora: UFJF, São Paulo: imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2004. p. 113-125.

